

Tema preparado para apresentar em Fátima no encontro da Família Franciscana

Portuguesa a 3 de março de 2024, usando a seguinte Bibliografia de apoio:

Carballo, F. J. (2011). Obtido de <https://franciscanos.org.br/quemsomos/chagas-de-sao-francisco-de-assis-homilia-do-ministro-geral/#gsc.tab=0>

Carta Encíclica dos quatro Ministros Gerais a toda a Família Franciscana. (1977). Ter o espírito do Senhor. Braga: Editorial Franciscana.

Conferência da Família Franciscana. (2022). Obtido de <https://ofm.org/uploads/Um%20Centena%CC%81rio%20em%20va%CC%81rios%20centena%CC%81rios%20POR.pdf>

Costa, F. C. (2021). A representatividade da estigmatização de São Francisco de Assis. Obtido de <https://www.capuchinhos.org.br/blog/a-representatividade-da-estigmatizacao-de-sao-francisco-de-assis>

Crocoli, A. (2004). A solidariedade visão cristológica de São Francisco de Assis. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Donazar, F. A. (2010). Retos del franciscanismo para em siglo XXI. Madrid: Escola Superior de Estudios Franciscanos.

Garrido, J. (2008). Francisco de Assis itinerário espiritual. Braga: Editorial Franciscana.

J Herranz, J. T. (2015). San Francisco de Asís: escritos autobiográficos. Madrid: Escuela Superior de Estudios Franciscanos.

José António Merino, Francisco Martínez Fresneda. (2004). Manual de Teologia Franciscana. Madrid: Biblioteca de autores cristãos.

Leclerc, E. (2002). Retorno ao Evangelho. Braga: Editorial Franciscana.

Matura, T. (2002). Francisco de Assis mensagem dos seus escritos. Braga: Editorial Franciscana.

Merino, J. A. (2007). São Francisco e ti. Braga: Editorial Franciscana.

Rossatto, N. D. (2015). Mistica e estigma São Francisco na Legenda Maior de São Boaventura. UFN -
Universidade Franciscana, pp. 95-107.

Schampheleer, J. d. (1993). Até à Cruz. Em A espiritualidade de Francisco de Assis (pp. 45-54). Braga:
Editorial Franciscana.

Thompson, A. (2012). São Francisco de Assis uma nova biografia. Alfragide: Casa das Letras.

Uma leitura existencial dos estigmas de São Francisco (Os grandes estigmas do nosso tempo)

No Montalverne, perto de Florença, naquele grande bosque onde Francisco se retirava, fazia penitência, jejuava durante as quaresmas; um lugar agreste, cheio de rochedos enormes e covas profundas... foi aí que Francisco consumou a sua grande experiência Mística e religiosa.

Se o começo da sua conversão se iniciou numa capela abandonada, o remate da sua identificação com o Crucificado teve como cenário um denso bosque e, como refúgio, as grutas formadas por gigantes rochedos. Podemos afirmar que São Damião constituiu um ponto de partida, não tanto da devoção de Francisco para com a Paixão de Cristo, mas sim da sua inteira submissão à vontade do seu Senhor: o início do serviço da militância de Francisco. A partir desse momento começou ele a carregar a Cruz de Cristo. Daí em diante, como se depreende tanto nos seus escritos como de numerosas citações dos biógrafos, constituía para ele uma quase uma obsessão cumprir a vontade de Deus, mas cumpri-la num sentido que ultrapassa imenso de obedecer aos mandamentos: trata-se de um empenhamento absoluto, todo o ser...

Ao longo da vida de Francisco vamos reconhecendo o quanto o surpreendem a sincronia entre o sagrado e o profano. Entre o Deus que se esconde no templo e a presença da divindade que se manifesta na natureza. Deus não está nem mais além nem mais aquém: está no centro da vida. Não o encontraremos em lugares estranhos, mas onde lhe permitirmos que apareça, seja numa pequena ermida, no recôncavo de um bosque ou num céu estrelado. A tal ponto Francisco se identificou com Cristo padecente que procurou imitá-Lo tanto na extrema pobreza como nos gestos mais significativos do desprendimento. A reprodução da humanidade de Cristo consumou-se com o mistério da impressão das cinco chagas no seu corpo. Por isso, o Alverne é o calvário franciscano.

Francisco humanizando o Evangelho, conseguiu divinizar humano. Aproximar-nos do Alverne é colocarmos as perguntas vitais e profundas que convidam a decisões últimas, quem sou? De onde venho? Para onde vou?

No Alverne vemos um amor consumado na identificação com Jesus crucificado. A estigmatização é um sinal corporal, mas a verdade está no coração transformado, na sua pessoa definitivamente Cristificada (um outro Cristo). Há duas chaves interpretativas, que se impõem: a experiência Mística, a estigmatização confirma o que aparecia reiteradamente nas etapas anteriores da sua vida: o predomínio da vida teologal acompanhado por fenómenos extraordinários, uns de carácter interno (desejo do martírio, por exemplo), outros de carácter externo (visões, milagres...); Atualização do mistério Pascal: o seguimento de Jesus, nesta etapa final da sua vida, está configurado pelos: a vida que vem da morte, a alegria do despojamento, a fecundidade na desapropriação, a liberdade na impotência, a sabedoria na loucura... Aqui, a estigmatização e a liturgia da morte convergem entre si, fazendo de Francisco um cristão consumado, um Santo.

Este momento da vida de Francisco é como o consumir de um itinerário espiritual.

Olhemos a reflexão de Fidel Aizpurúa Donazar sobre este tema, o qual nos fala de um Francisco fora (nas periferias se quisermos usar a expressão do Papa Francisco), nas periferias e por isso fora: das muralhas, da sociedade, do sistema eclesiástico, fora da cultura dominante... será que também nós não somos chamados a isso mesmo neste tempo como Franciscanos?

Francisco estava fora da fronteira, fora das muralhas, a conversão de Francisco foi marcada por um êxodo para fora das muralhas de Assis. O movimento comunal em que Francisco vivia pretendia instaurar uma sociedade nova, com umas relações sociais despojadas de toda a vassalagem, sobre a base de um juramento igualitário que unira a todos os membros na vida da comuna; mas, com o tempo, Francisco viu quem estava fora das muralhas eram os pobres e os servos. A única coisa que tinha mudado era mudar de amo: agora o amo era o dinheiro (antes era o senhor feudal). E Francisco decidiu romper com esse novo amo indo aos lugares da pobreza. Aí descobriu, um sopro de humanidade que não existia nas novas estruturas sociais que estavam a nascer. Na fronteira encontrou saída real, social, aos seus desejos espirituais.

Fora da sociedade: ele idealizou para ele mesmo, e depois para os seus companheiros, um estilo de vida nas margens da sociedade. Na sociedade imperava o dinheiro; Francisco rompeu com ele. Na sociedade começava a mandar o poder político e social, ele optou por um estilo de vida simples sem títulos. Na sociedade imperava a violência sistêmica e política, ele optou por caminhos de não-violência ativa. Na sociedade imperava uma ignorância deliberada de toda a pessoa que não era relevante na sociedade, ele saiu para viver com os irrelevantes e quis viver sem relevância. Não foi um marginalizado social por princípio, mas com a vida viu que nos marginais havia mais possibilidade de vida, do que no centro do sistema.

Fora do sistema eclesiástico: não fora da igreja, para Francisco o Evangelho e a saudação de paz chegavam. Por isso, somente em casos de extrema necessidade quis ter o amparo do sistema eclesiástico, cardeal protetor. Ele não criticou a igreja, não a condenou pelo seu poder nem pela sua riqueza, não censurou os sacerdotes que viviam não dignamente de acordo com o seu Ministério. Ele venerou ao senhor Papa e a igreja de Roma. Mas a sua veneração estava feita de alternativa, de caminho diferente, de busca de outros caminhos, de desejos distintos que muitas vezes não foram compreendidos pelos eclesiásticos, alguns destes olhavam no benevolentemente. Viveu na comunidade de fé sem fazer o jogo do sistema religioso.

Fora da cultura dominante daí o conhecido medo do Francisco por causa dos livros. Ele não é um iletrado, alguém que se oponha à cultura por uma mal compreendida pobreza evangélica. Mas é astuto e vê que a cultura, com demasiada frequência, se converte em um modo de domínio, de superioridade. E neste caso, se perde a menoridade. E com isso, o sentido mesmo da opção evangélica. A cultura vai a par com a institucionalização e esta com o poder. Francisco quis que as suas comunidades não entrassem nessa dinâmica. Olhando para o decurso dos acontecimentos, pode-se pensar que fracassou no seu ideal, mas a semente da sua componente fronteira interpela a quem aprecia o viver de Francisco.

Francisco não optou pela fronteira por motivos principalmente sociais, mas percebeu que na margem havia mais possibilidade de vida evangélica. O irmão Francisco soube aceitar ser deixado pelos homens, colocando-se ele mesmo no centro da exclusão que sofreu Jesus Cristo séculos antes. Francisco chegou verdadeiramente ao fim da sua opção de viver segundo a forma do Santo Evangelho. Francisco aprendeu sofrendo, o que é morrer com a morte de Jesus Cristo: não uma morte infligida pelos homens, mas uma morte consiste em desprender-se de si mesmo, da sua própria vida, para que os outros homens, arrancados da sedução do seu instinto de morte, possam também eles desejar a vida. Também nós franciscanos devemos nos poder encaixar melhor neste apelo que nos vem de viver à margem (e são estes alguns dos grandes estigmas de hoje):

Os que estão à margem do sistema: porque o nosso sistema continua produzindo desejos náufragos que caem fora de qualquer filtro social. Uma vida franciscana que aceita viver na luz, no bem-estar e nesta sociedade deliberadamente consumista desprezaria e esqueceria o número de náufragos que habitam no nosso mundo aqui e além. Seria infiel à sua vocação mais genuína. No lado da linha a chamada dos persistentemente despojados de direitos: porque a um pouco mais de 70 anos da declaração dos direitos humanos da ONU a constatação é que um grande fracasso no seu cumprimento, e há amplas zonas do mundo em que as vidas estão privadas de desses mesmos direitos. Daí que o franciscano tem que tomar bem a sério este assunto como repto que implica que não fica quieto. Que se pensar que isto é mera teoria, não entenderia a opção pelos excluídos e pela justiça que é central na espiritualidade franciscana.

Quem não tem tribunal algum ao que acudir: é o chamamento a todas as pessoas a quem a justiça humana não dá nenhum tipo de resposta para se que se faça justiça. Não há justiça para eles porque não podem pagá-la. O franciscano tem de se fazer causa com eles, apoiar as suas justas reivindicações, participar nas denúncias de que este atropelo contínuo esmaga tantos. Sem temer as complicações da vida que isto implica, haveria traição do espírito franciscano que se enche de valor quando se trata da sorte dos mais débeis.

Quem não tem onde comer, onde dormir, onde estudar, onde ser curado: porque o franciscano sente-se interpelado pela franja da população mundial cujas necessidades básicas não estão cobertas. Neste mundo onde existe uma civilização da riqueza e vemos onde é que esta nos tem levado. Tantos e tantos à margem sem o mínimo necessário para ter dignidade.

Quem está em perigo de cair no abismo da solidão e do esquecimento: a chamada que se agudiza nas macro sociedades macro cidades modernas onde há milhões de pessoas que se juntam, aí aumenta mais o nível de solidão de cada uma delas. Por isso mesmo, os franciscanos desejam e cultivam toda a relação, por pequena que seja, para paliar um pouco este avanço da solidão e do esquecimento.

Quem não renuncia à sua voz: ainda que hoje sufoquem e emudeçam, imigrantes transeuntes, estigmatizados sociais, dos possuídos, desestruturados, pessoas que não contam no conceito social. Podemos pensar que não têm voz, mas também a têm. Só que não podem falar, não lhes deixam porque nada interessa do que possam dizer. O franciscano não quer ser voz dessas pessoas. Elas têm a sua. O que se pretende é que essas bases sejam escutadas. Para isso a começar pelas suas próprias comunidades, pelos seus próprios grupos cristãos. E há que escutar a voz de quem não tem outro lugar para poder falar.

Todos os crucificados: os povos inteiros que sofrem hoje o peso da exclusão em todo o mundo. Se esta voz não ressoa na nossa sociedade de consumo desorbitado, de dinheiro abundante, de esquecimento das pobreza, o franciscano teria que ser memória incansável, persistente, incómoda inclusivamente da justiça devido aos crucificados. Poderia argumentar-se que nunca se produziu nada ao constituir-se advogado dos pobres, mas algo parecido com isso está chamado franciscano. É aí que se põe a prova da sua utopia, da sua te necessidade de crente, sua capacidade de resistência e de resiliência.

Se estas chamadas caíram em saco roto esgotou-se o vigor da espiritualidade franciscana porque estes parâmetros medem a sua qualidade com mais fidelidade que outros mais suscetíveis de engano.

O desafio de ver os invisíveis, não é que não existam, existem, mas não se veem, não se veem porque não se olha para eles, e não se olha porque não produzem, não significam nada para o mercado, não

influenciam em absoluto as decisões humanas. São coletivos grandes, mas improdutivos, invisíveis. Estão longe e perto, os sem medicamentos e tratamentos de saúde; as mulheres vítimas de violência sexual; as crianças perseguidas para ser convertidas em soldados; os presos tão ignorados, os sem abrigo, os sem papéis e à margem na delinquência, quem não tem estatuto social, os que vivem sem nenhuma estrutura, os que perderam toda a referência familiar ou relacional, os que não contam nem econômica nem politicamente, as mulheres com tão poucos recursos para pôr algo de humanidade nas suas famílias; os que vivem em condições não dignas etc. Estão aí mas se os vemos o nosso olhar deveria provocar uma certa proximidade. Mas é difícil aproximar-me pessoalmente e como instituição. Um desafio que está sempre aí, porque sempre nos persegue o seu olhar, porque eles olham-nos. E há que decidir-nos, porque não te implica? Aonde te leva o Evangelho? (onde levou Francisco e onde te leva a ti?)

Proximidade pessoal ao sofrimento humano isto é sem dúvida mais importante do que o resto sem esta implicação pessoal e, com frequência, pura fachada. Por isso, não há dúvida que é aqui onde mais há que colocar a nossa força, depois em nenhum lugar como este, é certo que as palavras movem mas o exemplo arrasta. Uma condição irrenunciável para aproximar-se do mundo dos invisíveis e assumir a fragilidade, a própria dos outros, deixar cair a ideia de que somente são cidadãos dignos os que produzem. A fragilidade é uma componente essencial da vida. Chegar a assumi-la com paz, sem ficar nervoso sem fugir, é muito importante. A fragilidade encerra um segredo, a verdade que estamos necessitados do outro e essa dependência não nos empobrece sim, ao contrário nos faz mais humanos. Mudar, aprender a valorizar o inútil, o que se considera inútil, ou não produtivo, que não entra nos parâmetros do mercado. Na realidade ninguém é inútil e na sociedade, seja qual seja a sua situação, porque todos podem gerar solidariedade e amor, e com ele contribuir muito para a construção da humanidade, ainda que não gere riqueza material.

Ter um novo olhar para perceber o sentido do sofrimento, para entender a luta entre o sofrimento e a percepção de que se traz de debilidade é aí que se encerra o mistério da vida cheio de riqueza pela sua

capacidade de gerar relações humanizadoras este novo olhar adquire-se com a prática sempre que saibamos escutar o outro estar perto sem pedir nada em troca nem pedir nenhuma mudança.

Aquele que se sente interpelado ou implicado tem que se centrar no débil. Não somos o centro nem temos que estar sempre a mostrar-nos de forma relevante. O importante é o débil e a sua situação. Temos que juntar-nos a ele, não porque é débil, mas sim porque a sua necessidade é maior.

Não há que temer as complicações da implicação, na realidade toda a ação humana tem suas complicações. Quem não quer complicar-se na vida em nada, que não entra nestes assuntos (bem até ousado dizer que não pode ser franciscano porque nem cristão é...). A ação traz implicações: desperta a preocupação pelo outro, ativa o cuidado da pessoa débil e, em definitivo, contribui o compromisso num horizonte pessoal.

Olhamos para Francisco e como ele olhava para as minorias esquecidas. Francisco olhou para os mais esquecidos e invisíveis da sua época: os leprosos. O abraço ao leproso foi definitivamente a sua entrada na vida evangélica. Francisco ainda que proveniente do mundo do dinheiro, renunciou ao dinheiro, ao fazê-lo, assume espontaneamente todas as aspirações e esperanças do seu tempo mas purificando-as e libertando as seguindo o exemplo de Cristo humilde e pobre. Francisco afirma que seu socorro aos pobres não é caridade mas justiça é devolver o que pertence àqueles que são os deserdados. Num tempo em que se ostentavam as riquezas e que cada um queria mostrar todos os seus bens, Francisco convida os frades a viverem com os mendigos dos caminhos, com esse coletivo invisível por serem pobres, por serem itinerantes, e por serem loucos.

Olhar os estigmas de São Francisco e olhar toda a sua vida é percebermos que o caminho foi percorrido com avanços e recuos, mas Francisco torna-se neste momento (no Alverne) como dizem os autores ‘um outro Cristo!’. Ou para vermos como vivia Celano refere: “levava a cruz enraizada em seu coração”.

O que isso significou para o próprio Francisco? Há um significado para nós hoje, naquilo que ele viveu?

Um erro comum é o de ver São Francisco como uma figura acabada, pronta, sem olhar para a caminhada que ele fez até chegar à semelhança perfeita (configuração) com Cristo. O que ocorreu no Monte Alverne é o cume de toda uma vida, de uma busca incessante de Francisco em “seguir as pegadas de Jesus Cristo”. Francisco lançou-se numa aventura, sem tréguas, na qual deu tudo de si: a vontade, a inteligência e o amor. As chagas significam que Deus é Senhor de sua vida. Deus encontrou nele a plena abertura e a máxima liberdade para sua presença.

Deus não é alienação para o ser humano, ao contrário, é sua plena realização e salvação. Colocando-se como centro da própria vida é que o homem se aliena e se destrói; torna-se absurdo para si mesmo no fechamento do seu ‘ego’. O homem só encontra sua verdadeira identidade, sua própria consistência e o sentido de sua existência em Deus. E Francisco fez esta descoberta: Jesus Cristo foi crucificado em razão de seu amor pela humanidade – “amou-os até o fim” –, e ele percorre este mesmo caminho.

As chagas expressam que a vivência concreta do amor deixa marcas. A exemplo de Cristo, Francisco quis suportar/carregar e amar os irmãos para além do bem e do mal (amor incondicional). Essa atitude o levou a respeitar e acolher o ‘negativo’ dos outros mantendo a fraternidade apesar das divisões. Esse acolher e integrar o negativo da vida é a única forma de vencer o ‘diabólico’, rompendo com o farisaísmo e a autossuficiência, aniquilando o mal na própria carne. Só assim, o homem é de fato livre, porque não apenas suporta, mas ama e abraça o negativo que está em si e nos outros.

Seguir o Cristo implica em morrer um pouco a cada dia: “Quem quiser ser meu discípulo, tome a sua cruz a cada dia e me siga” (Lc 9,23). Não vivemos num mundo que queremos, mas naquele que nos é imposto. Não fazemos tudo o que desejamos, mas aquilo que é possível e permitido. Somos chamados a viver alegremente mesmo com aquilo que nos incomoda, vencendo-se a si mesmo e integrando o ‘negativo’, de modo que ele seja superado. Nós seremos nós mesmos na mesma medida em que formos capazes de assumir nossa cruz. As chagas de São Francisco são as chagas de Cristo, e elas nos desafiam: ninguém pode conservar-se neutro, sem resposta diante da vida.

São Francisco não se contentou em unicamente seguir Cristo. No seu encantamento com a pessoa do Filho de Deus, assemelhou-se e configurou-se com Ele. Este seu modo de viver está expresso na “perfeita alegria”, tema central da espiritualidade franciscana: “Acima de todos os dons e graças do Espírito Santo, está o de vencer-se a si mesmo, porque dos todos outros dons não podemos nos gloriar, mas na cruz da tribulação de cada sofrimento nós podemos nos gloriar porque isso é nosso”.

Há atitudes simples e concretas que podemos viver desde o olhar sobre os estigmas de Francisco, um silêncio orante e contemplativo que nos coloca diante do essencial, que nos permite reconhecer o desejo pelo infinito que reside nos nossos corações, que nos permite escutar a nós mesmos, aos outros e a Deus.

Como refere a Conferência da Família Franciscana, o encontro com o Crucificado leva Francisco ao encontro com os crucificados da história, cuja dor deseja aliviar, como no episódio do homem atormentado pelo frio, narrado por São Boaventura: “Inflamado pelo fogo do amor divino, Francisco só lhe estendeu a mão e lhe tocou-lhe. Espantoso! Ao contacto dessa mão sagrada, que trazia o incêndio das brasas do Serafim, o homem deixou de sentir frio e teve a sensação de se encontrar numa corrente de ar quente, como a sair da porta de um forno” (Legenda Maior 13, 7).

Recordar e celebrar Francisco tocado pelo Crucificado, exorta-nos a sair de nós mesmos para “tocar a carne sofredora de Cristo nos outros” (Gaudete et Exsultate 37) e, ao mesmo tempo, a deixar-nos ser tocados e desafiados por muitas situações dramáticas de dor e sofrimento em que se encontram imersos tantos dos nossos irmãos e irmãs de todo o mundo.”

Ao longo da história os estigmas foram muito valorizados e sempre vistos como o ponto de culminância da caminhada de identificação de Francisco com Cristo.

A partir do Alverne, Francisco vive neste mundo, mas como se nele já não vivesse.

Sabemos um pouco dos sentimentos que enchiam o coração de Francisco ao sair do êxtase, pelo hino de louvor que escreveu. Francisco exterioriza a sua contemplação - uma contemplação toda voltada para Deus, sem qualquer reflexo sobre si mesmo.

Só tu és Santo, Senhor Deus,
Do que fazes maravilhas!
Tu és forte,
Tu és grande,
Tu és altíssimo,
Tu és onnipotente,
Tu és o pai Santo, rei do céu e da Terra!
Tu és trino e uno, Senhor Deus, tu és o bem
És todo bem, és o bem supremo,
Senhor Deus, vivo e verdadeiro.
Tu és amor e caridade,
sabedoria e humildade,
paciência e formosura,
mansidão e doçura,
segurança e descanso,
gozo e alegria !
Tu és a nossa Esperança!...

Esta ladainha de louvores traduz o deslumbramento da alma de Francisco, e mostra como todo o seu ser estava possuído por Deus. Tal era o homem que descia do Alverne, que perante o ocorrido seria lógico imaginar quase separado da Terra, por ter alma arrebatada em Deus e o corpo esgotado e dorido pelos estigmas e pela doença. Dá a impressão de se sentir renovado e revigorado com novas energias, e por comunicá-las aos companheiros com a célebre exortação: até agora não fizemos quase nada;

Comecemos, irmãos, a servir o Senhor! Impedido de andar a pé devido às chagas empreende, montado num burro, visitas a quatro ou cinco povoações por dia, anunciando a boa-nova. Em toda a parte por onde passa, lança um apelo vibrante à paz, à reconciliação, a uma verdadeira fraternidade.

O caminho que Francisco traça é exigente, mas conduz aos cumes espirituais mais altos nesta vida e promete a entrada no Reino preparado desde o princípio do mundo. Nenhuma das atitudes a que Francisco nos convida, apresenta tomadas do evangelho e da experiência humana, se tornou caduca ou desfasada; individuais: pobreza, vestuário, uso do dinheiro; e coletivas: recusa de propriedade. O mais importante de tudo para um franciscano é colocar Deus acima de tudo o que se possa desejar, e amar o homem como irmão.”

Na motivação à vivência deste centenário é-nos dito que “A mensagem que surge da experiência de Verna é uma palavra de cura e de esperança para todos os homens, que pode ser entregue novamente a um mundo marcado por tensões, divisões e guerras, mas também pelo desejo de vida e de futuro.”

(site <https://www.laverna.it/centenario/>)

Sejamos esse sinal de amor no mundo, pois escolhemos abraçar esse carisma que hoje se encontra tão vivo como antes, imprimindo todos os dias os estigmas da irredutibilidade que é certamente o amor que não se pode reduzir ou dividir, ser um sinal recíproco da graça de Deus no mundo, principalmente em nossas fraternidades.

Como Franciscanos todas estas celebrações não nos podem deixar no saudosismo histórico, ou na beleza do que foi, mas trazer ao presente, cada um de nós decerto vê junto de si periferias existenciais de tantos nossos irmãos, não chega constatar que há um problema, ou que alguém tem uma necessidade, é preciso agir!